5ª PARTE

Transcrições

A ACADEMIA E A REVISTA(*)

Barros Alves

O Ceará é reconhecidamente um Estado cujos filhos têm-se voltado para o culto às coisas do espírito. Assim é que para gáudio de todas as gerações vemos nosso nome inscrito na História como vanguardistas da atividade literária, ressaltando-se entre tantas iniciativas deste jaez, de hoje e de ontem, a Academia Francesa do Ceará, o Gabinete Cearense de Leitura, o Clube Literário e, especialmente, a Padaria Espiritual, esta "certamente a mais original de todas as inúmeras agremiações culturais que existiram no Ceará", conforme assevera do alto de seu conhecimento da matéria o crítico e historiador da literatura cearense Sânzio de Azevedo. Lembre-se, também, que dentro e fora dessas entidades surgiram nomes que elevam o Ceará em termos literários, colocando-o entre os grandes daquém e dalém. Surgem, destarte, nesta galeria de fulgurantes inteligências, figuras da estatura intelectual de Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Farias Brito, Oliveira Paiva, Juvenal Galeno, Antônio Bezerra, Barão de Studart, Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, Adolfo Caminha, Henrique Jorge, Lívio Barreto, entre tantos outros menos conhecidos mas não menores que pontificaram nas letras e nas artes do final do século passado e limiar deste.

As entidades acima referidas, por motivos que não cabe aqui referir, feneceram. Umas viveram mais, outras menos; todas, porém, o suficiente para influenciar de modo inequívoco as gerações de literatos que se lhes seguiram. Mas, uma sociedade de homens de letras fundada quando apagavam-se as luzes do século XIX, mais precisamente aos 15 de agosto de 1894, sobreviveu aos solavancos do tempo e chegando aos de agora, ainda hoje altaneira e lúcida lidera a cultura da Terra de Iracema. Refiro-me à Academia Cearense de Letras, sodalício fundado por Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, um sábio, e hoje presidido pelo não menos sábio professor Cláudio Martins, que assumiu pela primeira vez o comando do templo das letras

(*) Transcrito da "Tribuna do Ceará", edição de 4 de maio de 1991.

no Ceará em 1975. Daquele ano a esta parte Cláudio Martins vem recebendo o aval de seus ilustres pares para dirigir os destinos da Academia, o que tem feito com dedicação e brilhantismo.

Prestes a completar 97 anos de existência — de ação não contínua, mas profícua — a Academia Cearense de Letras é a mais antiga do Brasil, honra que não cabe nem mesmo à Academia Brasileira de Letras fundada dois anos depois da nossa, em 1896, segundo lembra providencialmente o mestre Mozart Soriano Aderaldo, objetivando desfazer um equívoco que teima em aparecer nas páginas da história das nossas letras.

A Academia, entre as muitas ações que desenvolve em prol da nossa cultura, edita uma revista que já chegou ao quadragésimo sexto número. A REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS é um repositório de idéias. Por suas páginas desfilam luminares da intelectualidade cearense, sendo, portanto, objeto de consulta obrigatória para quantos intentam adentrar o ubertoso terreno da literatura cearense. Neste número que tenho em mãos, correspondente aos anos de 1985/86 (a cultura é a vítima maior das crises econômicas, daí o atraso na publicação da revista), comparecem além do presidente Cláudio Martins, que assina nove sonetos da mais fina inspiração, os acadêmicos Linhares Filho, Manoel Albano Amora e Antônio Girão Barroso, também com belos poemas. Girão, que nos deixou órfãos de seu mavioso engenho poético, era presença constante na Revista da Academia e foi o revisor do número em tela.

Vinícius Barros Leal, historiador de nomeada e humanista; Ribeiro Ramos, escritor de estilo agradável, cavalheiro de esmerada ilhaneza no tratar; Pedro Henrique Saraiva Leão, o poeta de estro que se alteia entre todos os que cantam as musas em nossa terra, estão presentes na revista nº 46 com seus discursos de posse na Academia. Peça oratória digna de um vate da altura de Artur Eduardo Benevides é a que ele proferiu ao receber o título de "Príncipe dos Poetas Cearenses", respondendo à saudação que lhe fez com a excelência do seu verbo o também mestre Itamar Espíndola. Discorrendo a respeito da primazia cronológica da Academia em relação a suas congêneres, bem como da importância da "Casa de Thomaz Pompeu" no cenário histórico-cultural cearense, comparece o meu prezado amigo Mozart Soriano Aderaldo, um dos mais completos intelectuais desta terra, cujos reflexos de sabedoria espargem-se sobre várias gerações desde o ontem até, com certeza, o amanhã. Outros nomes de não menor peso, porque todos os acadêmicos são pesos-pesados em

nossas letras, ciências e artes —, assinam trabalhos neste número da Revista da ACL. Enumerá-los seria de bom alvitre, mas o espaço não me permite por ser exíguo e, certamente, o leitor já deseja abandonar a leitura deste comentário para buscar mais saudável leitura da Revista da Academia onde, sem dúvida, beberá em profusão muito "engenho e arte".